



ISSN: 2595-1661

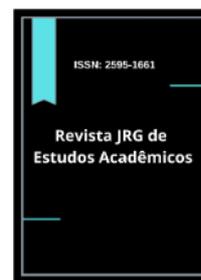
ARTIGO

Listas de conteúdos disponíveis em [Portal de Periódicos CAPES](#)

Revista JRG de Estudos Acadêmicos

Página da revista:

<https://revistajrg.com/index.php/jrg>



Sustentabilidade e agricultura familiar em uma comunidade serrana do semiárido baiano

Sustainability and family farming in a mountain community in the semi-arid region of Bahia

DOI: 10.55892/jrg.v8i18.2318

ARK: 57118/JRG.v8i18.2318

Recebido: 04/07/2025 | Aceito: 11/07/2025 | Publicado *on-line*: 12/07/2025

Adriana Pinto Brandão¹

<https://orcid.org/0009-0001-9360-7332>

<http://lattes.cnpq.br/646881737774800>

Universidade do Estado da Bahia – UNEB, BA, Brasil

E-mail: brandoadriana268@gmail.com

Cristiana de Cerqueira Silva Santana²

<https://orcid.org/0000-0001-7389-1033>

<http://lattes.cnpq.br/8987957543048852>

Universidade do Estado da Bahia – UNEB, BA, Brasil

E-mail: ccsilva@uneb.br



Resumo

A pesquisa aborda a dinâmica produtiva e social de agricultores familiares da comunidade Adro de São Gonçalo, localizada na área serrana do município de Itiúba, Bahia. O objetivo é analisar o perfil dos agricultores e como acontece a produção e comercialização agrícola local. A metodologia utilizada foi a qualitativa, com coleta de dados realizadas a partir da análise das fichas cadastrais dos associados da Associação Comunitária dos Produtos Rurais da Serra de Itiúba (ACPRS) e da pesquisa de campo. A fase de campo teve a duração de um ano e contou com visitas semanais entre as roças, a feira livre e as reuniões da ACPRS. Nesses espaços se realizou a observação e a escuta durante os trabalhos nas roças, nas reuniões da associação, bem como durante as conversas na feira livre. Toda a comunidade trabalha com agricultura familiar, sendo esta a principal renda local; observou-se que há baixa escolaridade entre os agricultores, sendo os homens menos escolarizados que as mulheres. A agricultura é desenvolvida de forma totalmente manual e orgânica, com práticas tradicionais de cuidados com o solo, plantio, cultivo e manejo como podas, capinação e uso de caldas naturais para o tratamento de fitopatologias. Dentre as leguminosas e gramíneas mais cultivadas destacam-se o feijão e o milho, e dos frutos destacam-se a manga, a laranja, o abacate e o limão. A produção é vendida na feira livre da sede municipal e o excedente é utilizado dentro da comunidade para alimentação de pessoas e animais, bem como para a adubagem do solo. A atividade agrícola da comunidade é sustentável e se aproxima das práticas agroecológicas, apontando ainda para uma economia circular e com aproveitamento integral da produção.

Palavras-chave: Agricultura sustentável. Orgânicos. Manejo tradicional. Economia circular. Nordeste do Brasil.

¹ Graduanda em Licenciatura em Ciências Biológicas pela Universidade do Estado da Bahia.

² Graduada em Biologia, Mestra e Doutora em Geologia pela Universidade Federal da Bahia.

Abstract

This research addresses the productive and social dynamics of family farmers in the Adro de São Gonçalo community, located in the mountainous region of the municipality of Itiúba, Bahia. The objective is to analyze the farmers' profile and the local agricultural production and marketing process. A qualitative methodology was used, with data collection based on analysis of the registration forms of members of the Itiúba Mountains Rural Products Community Association (ACPRS) and field research. The field phase lasted one year and included weekly visits to the farms, the open-air market, and ACPRS meetings. Observation and listening were conducted during farm work, association meetings, and conversations at the open-air market. The entire community works on family farming, which is the main source of local income. It was observed that the farmers have a low level of education, with men being less educated than women. Agriculture is carried out entirely manually and organically, with traditional soil care practices, planting, cultivation, and management practices such as pruning, weeding, and the use of natural fertilizers to treat plant diseases. Beans and corn are the most widely cultivated legumes and grasses, while mangoes, oranges, avocados, and lemons are among the fruits. Produce is sold at the open-air market in the municipal center, and surplus produce is used within the community to feed people and animals, as well as to fertilize the soil. The community's agricultural activity is sustainable and aligns with agroecological practices, also aiming for a circular economy and full utilization of production.

Keywords: Sustainable agriculture. Srganics. Traditional management. Circular economy. Northeastern Brazil

1. Introdução

Historicamente o Brasil consolidou-se como um país de base agrária, no entanto, sua trajetória agrícola tem sido marcada por grandes lacunas, em parte decorrentes da ausência, inconstância ou ineficácia de políticas públicas que priorizem o fortalecimento da agricultura familiar e o apoio aos pequenos produtores, responsáveis pelo abastecimento alimentar de parte significativa da população.

Ao longo do tempo, investimentos estatais e incentivos financeiros têm se concentrado majoritariamente no agronegócio, favorecendo práticas de produção convencionais intensivas, baseadas em mecanização, tecnologias de alto custo e relações de trabalho precarizadas, com oferta de mão de obra barata e carente de garantias trabalhistas. Esse modelo contribuiu significativamente para o êxodo rural, uma vez que a introdução de máquinas no campo reduziu a demanda por trabalho humano, levando à migração de famílias para os centros urbanos. Tal processo intensificou problemas sociais como a falta de acesso a saneamento básico e a habitação digna, levando essas famílias a viverem em espaços urbanos precários (Leite, 2002).

Essa problemática também contribuiu para o surgimento de novas dinâmicas no meio rural, como o arrendamento de terras anteriormente utilizadas por comunidades tradicionais e agricultores familiares para grandes corporações voltadas à produção de *commodities* agrícolas. Esse processo intensificou a expansão da agricultura convencional, caracterizada pelo uso intensivo de agrotóxicos, desmatamento e perda da biodiversidade, incluindo a extinção de espécies da fauna e flora nativas nas áreas convertidas em monoculturas. O uso indiscriminado de defensivos químicos, embora tenha como objetivo o controle de pragas, provoca

desequilíbrios ecológicos significativos e representa um risco à saúde humana, sobretudo para os consumidores de alimentos contaminados por resíduos desses produtos industriais (Silva, 2019).

Apesar de potencializar a agricultura ajudando a transformá-la no agronegócio, os agrotóxicos são oponentes da saúde e do meio ambiente, pois estes causam danos ao meio ambiente e aos seres humanos, muitas vezes irreversíveis, tanto a curto quanto a médio e longo prazo. Para Araújo; Santana; Santana (2022, p. 5), “a utilização de agroquímicos além de provocar danos ao ambiente também provocam prejuízos à saúde de quem utiliza esses produtos na lavoura, ou de quem consome”.

Considerando que a agricultura convencional está associada a diversos impactos ambientais e riscos à saúde humana, uma das principais alternativas para atender às recomendações da Organização Mundial da Saúde (OMS) em relação a uma alimentação saudável e nutricionalmente adequada começa desde o processo de cultivo. Nesse sentido, a produção orgânica, baseada em práticas sustentáveis e livres de insumos químicos sintéticos, surge como uma estratégia essencial. A agricultura familiar, por sua vez, desempenha um papel fundamental nesse contexto, não apenas por sua capacidade de promover uma produção de alimentos mais saudáveis e ambientalmente responsáveis, mas também por sua relevância estratégica no combate à insegurança alimentar e à fome em escala global (Reis; Lima; Desidério, 2018).

De acordo com os dados do Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (DIEESE), publicados pela CONTAG (2023, p. 5-6), a agricultura familiar brasileira,

[...] ocupa 23% das áreas e 3,9 milhões de estabelecimentos e é responsável por 23% do valor bruto da produção agropecuária, 67% das ocupações no campo. O total da sua produção a coloca como a oitava maior produtora de alimentos do mundo. Além da produção de alimentos, contribui com a dinamização econômica do País, pois responde por 40% da renda da população economicamente ativa e a dinamização econômica de 90% dos municípios com até 20 mil habitantes, que representam 68% do total. Com sua multifuncionalidade e multidimensionalidade, está presente em todas as regiões do Brasil. Em se tratando apenas dos estabelecimentos da agricultura familiar por grande região, temos o Nordeste com 46,6% dos estabelecimentos, seguido do Sudeste (16,5%), do Sul (16,0%), do Norte (15,4%) e Centro-Oeste (5,5%).

Diante do exposto, torna-se necessário refletir sobre os diferentes modelos de cultivo agrícola, especialmente no que se refere à agricultura familiar, devido a sua dimensão e importância, mas, especialmente devido a sua produção que é em parte orgânica.

Importante salientar que parte da agricultura familiar no Brasil se dá sem o uso de agrotóxicos ou insumos químicos sintéticos, inserindo-se, portanto, no campo da agricultura orgânica ou agroecológica. Essa prática, muitas vezes baseada em saberes tradicionais transmitidos entre gerações, demonstra uma relação respeitosa e equilibrada com o meio ambiente, priorizando a saúde do solo, a biodiversidade e a segurança alimentar das famílias.

Mesmo que a Produção Orgânica de alimentos não tenha como premissa única a produção no contexto da Agricultura Familiar, esse espaço se constitui como o lócus ideal para o desenvolvimento da Agroecologia, tendo em vista que é nesse espaço que suas bases (sociais, econômicas, ambientais, culturais) podem ser desenvolvidas, respeitadas e fortalecidas (EMBRAPA, 2025, p. 1).

Observa-se nesse sentido, que a agricultura familiar tem buscado ofertar alimentos saudáveis e ambientalmente sustentáveis. Apesar dos inúmeros desafios enfrentados por esse setor, observa-se um crescimento gradual de sua produção associada aos preceitos agroecológicos e a maior presença no mercado, possibilitando o acesso de um número crescente de pessoas a tais produtos.

O Nordeste brasileiro é a região que apresenta a maior concentração de propriedades da agricultura familiar, com 46,6% dos estabelecimentos segundo a CONTAG (2023). Na Bahia, a agricultura familiar desempenha um papel central na economia rural, sendo responsável por 24,6% do valor total da produção agropecuária do Estado. Esse dado expressivo evidencia a importância dos pequenos produtores no abastecimento alimentar e na movimentação da economia do Estado (Carvalho Júnior; Couto Filho; Machado, 2023),

O município de Itiúba, situado no Norte do Estado da Bahia, em região semiárida, apresenta uma vasta área serrana cujas comunidades ali inseridas vivem da agricultura familiar. A comunidade Adro de São Gonçalo é uma dessas comunidades e compreende o *locus* deste estudo.

Diante desse cenário, a presente pesquisa teve como objetivo analisar o perfil dos agricultores, as dinâmicas de produção e comercialização da agricultura familiar na comunidade do Adro de São Gonçalo, visando compreender seus métodos, desafios e potencial para o desenvolvimento sustentável local. A investigação baseia-se na prática dos(as) agricultores(as), buscando compreender de que forma os cultivos são realizados, quais as estratégias utilizadas para o manejo, a comercialização e utilização dos excedentes.

2. Metodologia

2.1 Área da pesquisa

A pesquisa foi realizada na comunidade Adro de São Gonçalo, localizada na região serrana da zona rural do município de Itiúba, Estado da Bahia.

A região de Itiúba era originalmente habitada por indígenas cariacás e com o avanço da colonização portuguesa pelos sertões, toda a região acabou por ser incorporada à sesmaria de Garcia D'Ávila. O povoado de Adro de São Gonçalo foi o primeiro ponto colonial da região, em finais do século XVII, cujo nome original era São Gonçalo do Amarante da Serra de Itiúba (IBGE, 2025).

Com aproximadamente 120 habitantes, essa comunidade compõe uma das 18 localidades que integram a região serrana de Itiúba, situada no Território de Identidade do Sisal, na região Nordeste do Brasil. O município de Itiúba está localizado ao norte da Bahia, a 382,4 km da capital do Estado, Salvador.

A Serra de Itiúba é caracterizada por sua geografia acidentada e paisagens de relevante beleza cênica. Apesar das dificuldades de acesso enfrentadas por muitas das comunidades serranas, o Adro de São Gonçalo destaca-se por possuir certa infraestrutura como uma escola de ensino fundamental e um posto de saúde. Possui energia elétrica e o abastecimento de água é realizado por meio de um poço artesiano comunitário; entretanto, em situações de interrupção no fornecimento, a população recorre à coleta manual de água em fontes naturais. Além disso tem acesso

relativamente facilitado, permitindo o trânsito de veículos terrestres ao longo de todo o percurso da sede até a comunidade.

A localidade é composta por aproximadamente trinta famílias, cuja base econômica é sustentada, majoritariamente, pela agricultura familiar de subsistência.

2.2 Abordagem e procedimentos

A pesquisa adotou uma abordagem qualitativa, de caráter descritivo e interpretativo, com o objetivo de compreender, a partir da observação direta e da análise documental, as práticas de produção e comercialização da agricultura familiar na comunidade do Adro de São Gonçalo, localizada na Serra de Itiúba, Bahia. A escolha por uma metodologia qualitativa justifica-se pela necessidade de captar as dinâmicas sociais e produtivas em sua complexidade, valorizando os contextos locais e os saberes construídos pelos sujeitos no cotidiano de suas atividades.

De acordo com Deslandes (1994, p. 21) “a pesquisa qualitativa responde à questão muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado”. Perante esses conceitos, Santos Filho (2000), ratifica que o enfoque qualitativo arquiteta o ser humano como sujeito e ator, ressaltando a centralidade do significado como produto da interação social. Segundo Lüdke; André (2018, p. 13) “a pesquisa qualitativa ou naturalística, envolve a obtenção de dados descritivos, obtidos no contato direto do pesquisador com a situação estudada, enfatiza mais o processo do que o produto e se preocupa em retratar a perspectiva dos participantes”.

A coleta de dados ocorreu em duas etapas principais. A primeira consistiu na análise das fichas cadastrais dos associados e associadas da Associação Comunitária dos Produtores Rurais da Serra de Itiúba (ACPRS). Esse levantamento documental permitiu a caracterização inicial do público envolvido na agricultura familiar da região, possibilitando a identificação dos perfis e das formas de organização comunitária.

A segunda etapa correspondeu à pesquisa de campo, realizada ao longo de um ano, com visitas semanais às roças, feira livre e também a reuniões da Associação. Todos esses acompanhamentos foram realizados por meio de atenta observação e escuta.

A observação tem um papel importante para o desenvolvimento do trabalho, conforme Mizukami (2014, p. 58), “A observação é uma técnica presente em todo e qualquer estudo, pois fornece informações de inúmeras perspectivas e qualidades”. O olhar multifacetado do pesquisador permite visualizar detalhes que podem ajudar significativamente no momento de relatar os dados.

Assim, as observações foram conduzidas diretamente nas unidades produtivas (roças), onde foram acompanhadas as diversas fases do ciclo agrícola, incluindo: a preparação do solo, a seleção e plantio das sementes, os cuidados com as culturas, os métodos de manejo e a colheita.

Além das atividades de produção, também foram realizadas observações e escutas sistemáticas nas reuniões da Associação e na feira livre local, principal espaço de escoamento da produção da comunidade, além da observação acerca do destino dado aos excedentes não vendidos.

Os registros foram feitos em diário de bordo e por meio de documentação fotográfica, dando-se especial atenção à diversidade de cultivos, à utilização de técnicas tradicionais, como o plantio consorciado, à relação dos agricultores com o ambiente, com os costumes e tradições agrícolas e com as pessoas na feira livre.

Os dados coletados foram organizados e analisados por meio da triangulação entre os registros documentais, as observações de campo e os referenciais teóricos sobre agricultura familiar, Agroecologia, sustentabilidade rural, educação no/do campo e economia circular. A metodologia adotada permitiu construir uma compreensão acerca do perfil dos agricultores, das práticas agrícolas da comunidade, valorizando os processos sociais envolvidos na produção de alimentos e sua inserção no mercado local.

3. Resultados e Discussão

3.1 Perfil dos agricultores associados

Com base na pesquisa realizada nas fichas cadastrais da Associação, observou-se que todas as famílias da comunidade são associadas e estão envolvidas na agricultura.

Os agricultores e agricultoras da comunidade são homens e mulheres cuja principal fonte de renda provém da agricultura familiar. Essa atividade constitui o eixo central da economia doméstica local, sendo complementada por benefícios previdenciários e programas de transferência de renda, como o Bolsa Família, que desempenham papel auxiliar, mas não suficientes para garantir a subsistência plena das famílias.

Todos os agricultores e agricultoras da comunidade do Adro de São Gonçalo trabalham com agricultura há muito tempo, muitos deles por toda a vida, alguns inclusive desde a infância, quando já acompanhavam os pais e avós nas lidas do campo. Esse envolvimento precoce evidencia que a agricultura, na comunidade, está intrinsecamente ligada à trajetória de vida dos indivíduos e à construção coletiva dos modos de existência. Nesse contexto, torna-se evidente que a agricultura representa não apenas uma atividade produtiva dentro da comunidade, mas, acima de tudo, um meio fundamental de reprodução social, de identidade e de sustentação econômica dessas famílias.

O sistema da agricultura familiar constitui-se com base na família como unidade central de organização e reprodução social, sendo esta responsável pela elaboração e implementação de estratégias, explícitas ou implícitas, de gestão dos recursos, do trabalho e das relações sociais. Tais estratégias visam à continuidade do grupo familiar e estão intrinsecamente associadas à transmissão intergeracional de saberes, práticas produtivas e patrimônios material e imaterial, incluindo valores culturais, modos de vida e identidades locais (Salvoldi; Cunha, 2010).

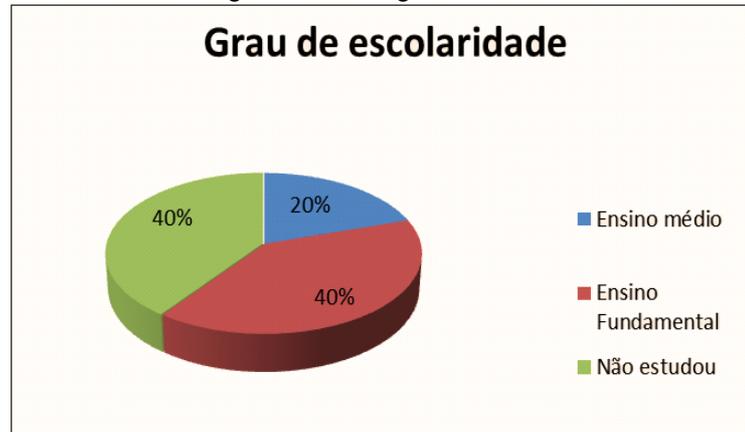
No que refere ao grau de escolaridade, observou-se que 20% dos agricultores e agricultoras terminaram o ensino médio, 40% fizeram integral ou parcialmente o ensino fundamental e 40% não estudaram, constando assim como não alfabetizados (Figura 1).

Os dados obtidos evidenciam uma realidade recorrente entre populações rurais brasileiras, marcada por baixos níveis de escolarização e por desigualdades no acesso à educação formal (Brasil, 2007).

Observou-se que muitos moradores não frequentaram a escola ou interromperam os estudos no ensino fundamental. Em alguns dos casos este fato está relacionado a inserção precoce de crianças no trabalho agrícola familiar, o que no passado contribuiu para a interrupção dos estudos e para a perpetuação dos baixos níveis de escolarização entre as gerações mais antigas. Outro aspecto se refere a limitada oferta de instituições educacionais nas zonas rurais. Ainda que escolas de ensino fundamental estejam relativamente acessíveis em alguns povoados, como é o caso da comunidade de Adro de São Gonçalo, o acesso ao ensino médio e,

especialmente, ao ensino superior, permanece restrito, dificultando a continuidade dos estudos para grande parte dos jovens e adultos do campo.

Figura 1. Grau de escolaridade dos agricultores e agricultoras do Adro de São Gonçalo, Itiúba, Bahia.



Fonte: Elaborado pelas autoras a partir das fichas cadastrais da ACPRS, 2025.

A deficiência ou até ausência de escolas, a necessidade de trabalhar na roça e a falta de apoio familiar limitam as oportunidades educacionais dos filhos e filhas de agricultores, perpetuando a baixa escolaridade e dificultando seu desenvolvimento pessoal e profissional. A educação, sendo fundamental para o avanço da agricultura familiar, influencia diretamente a capacidade de tomada de decisões sobre questões produtivas, como o enfrentamento de pragas, mudanças climáticas e manejo do solo. Um maior nível de instrução pode ampliar o conhecimento técnico, melhorar a produção, diversificar cultivos e elevar a qualidade e a competitividade dos produtos no mercado local (Abreu; Oliveira; Roboredo, 2021; Freitas, 2024).

Contudo, Mendonça *et al.* (2013) destacam que essa limitação educacional não é exclusiva do meio rural, uma vez que, à época de suas pesquisas, observaram que os níveis de escolaridade entre moradores de áreas urbanas também eram relativamente baixos. Os autores ponderam, contudo, que a permanência no meio rural nem sempre decorre exclusivamente da falta de acesso à educação formal, podendo estar associada a escolhas pessoais, vínculos culturais e estratégias de vida familiar, o que relativiza a ideia de que a escolarização seja, por si só, o principal determinante da permanência ou do êxodo rural.

Além disso, se observa neste estudo que os agricultores pertencentes à categoria homens mais velhos são a maioria dentre os não alfabetizados e que as agricultoras mulheres mais jovens apresentam maior escolaridade. Assim, quando comparadas as categorias por sexos e idades observa-se que as mulheres mais jovens apresentam maior escolaridade quando comparadas aos homens, de uma forma geral, e às mulheres mais velhas. Este é um dado muito importante porque mostra uma mudança substancial no meio rural, onde até os anos 2000 se tinha uma escolarização maior entre homens quando comparados às mulheres camponesas. Sobre esse aspecto discorrem Rua; Abramovay (2000) acerca dos dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) e da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) em 2000, em que a UNESCO já apontava esse início de mudança no meio rural.

No ano 2000, a PNAD indicava que no setor camponês brasileiro de um modo geral, a escolaridade feminina era menor que a masculina. Contudo, a UNESCO nos mesmos anos 2000 apontava que nas áreas de famílias rurais assentadas se constatava que as mulheres já vinham apresentando maior escolarização que

homens, independentemente da idade. Indicava ainda que as mulheres jovens eram as mais escolarizadas que todas as outras categorias de sexo ou idade (Rua; Abramovay, 2000), assim, os assentamentos rurais já sinalizavam uma tendência de ruptura educacional relacionada a escolaridade das mulheres.

3.2 Agricultura e sustentabilidade desenvolvida na comunidade

Com relação ao trabalho nas roças, a preparação da terra é feita completamente de maneira sustentável, a capinação é executada na hora do plantio e o maquinário utilizado é totalmente manual e composto por pás, enxadas e outros instrumentos. O controle de ervas daninhas é feito por capinação, mas as plantas cultivadas são mantidas em meio a outras nativas e o solo nunca fica exposto; todo o terreno encontra-se recoberto por plantas nativas, folhas resultantes das capinações e podas das árvores (Figura 2). Esse procedimento permite que a água permaneça retida no solo, havendo maior proteção dos cultivados. Também, não se usa adubagem química, apenas restos de plantas capinadas e das podas das árvores, como mencionado.

Figura 2. Cobertura das roças feitas com restos de capinação e de podas de árvores. Adro de São Gonçalo, Itiúba, Bahia.



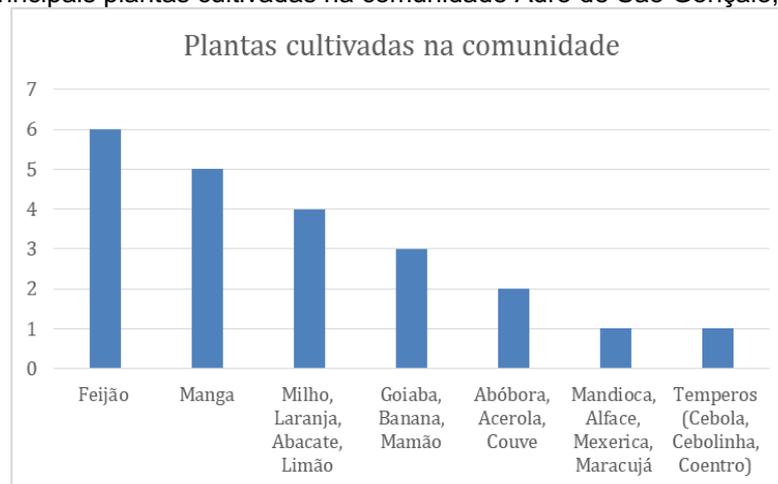
Fonte: Elaborado pelas autoras.

O uso de restos de capinação e de podas na cobertura do solo promove melhorias nas propriedades físicas, químicas e biológicas do solo, essas coberturas contribuem para o aumento da matéria orgânica, equilíbrio de nutrientes e elevação da fertilidade. Além disso, atuam na proteção do solo contra radiação solar direta, no fornecimento de nutrientes e no controle de plantas espontâneas, sendo uma estratégia eficaz para a sustentabilidade dos sistemas agrícolas. As podas de árvores, por exemplo são muito importantes pois as árvores retiram nutrientes de camadas profundas, e ao serem utilizadas nas coberturas, acabam por disponibilizar tais nutrientes às camadas mais superficiais da terra (Casas, 2019).

No que se refere ao plantio, dentre as plantas cultivadas estão algumas hortaliças, frutas e raízes, mas a produção se dá mesmo a partir do feijão e do milho, além das frutíferas (Figura 3).

Esse tipo de cultivo é bem característico na agricultura familiar brasileira, onde o setor se destaca em especial pela aptidão na produção de milho, mandioca, feijão, fruticulturas, hortaliças, dentre outros cultivos (EMBRAPA, 2025).

Figura 3. Principais plantas cultivadas na comunidade Adro de São Gonçalo, Itiúba, Bahia.

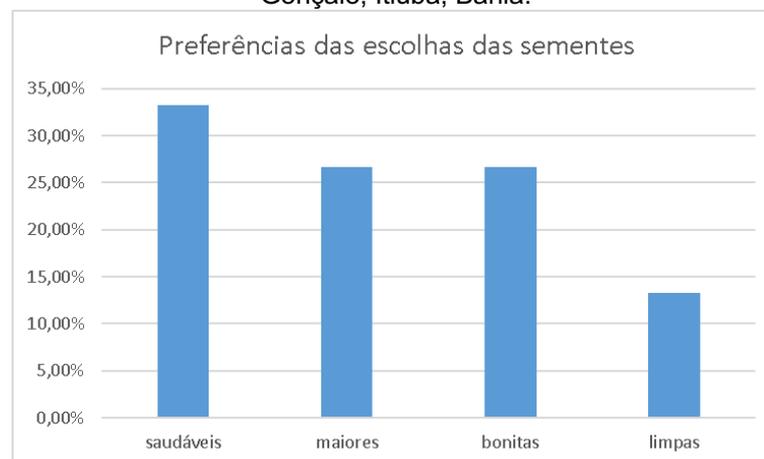


Fonte: Elaborado pelas autoras, 2025.

As sementes plantadas na comunidade não são compradas, são aquelas de safras anteriores, adaptadas a região, que são conservadas para as próximas safras e esta é uma prática antiga na comunidade.

Em relação à escolha das sementes esta é feita de forma tradicional sempre se separando sementes boas das colheitas para uso futuro nos plantios. Vale salientar ainda que sementes não modificadas são bem valorizadas pela comunidade. As escolhas levam sempre em consideração o tamanho e a qualidade das mesmas: se são bonitas, grandes, saudáveis e limpas (Figura 4).

Figura 4. Atributos observados durante a escolha das sementes pelos agricultores do Adro de São Gonçalo, Itiúba, Bahia.



Fonte: Elaborado pelas autoras, 2025.

Escolher sementes aptas a cada região é importante porque, conforme Rodrigues e Lopes (2016), cada região do país tem clima e solos propícios para sua germinação.

A escolha das sementes por comunidades tradicionais é de grande importância pois auxilia a preservação da biodiversidade local, bem como a manutenção do conhecimento tradicional. É por meio da seleção e do cultivo de sementes nativas ou crioulas, que estas comunidades preservam a bagagem fitogenética local, garantem a adaptabilidade das plantas ao ambiente de origem, bem como a resistência a pragas

e doenças, auxiliam na sustentabilidade dos sistemas, além de fortalecer sua autonomia e identidade cultural (Coimbra, 2018; Tofanini et al., 2020).

É sabido que a partir da Revolução Verde, na década de 1960, o uso de sementes modificadas e insumos químicos visou aumentar a produção, contudo esse processo não priorizou a saúde ambiental e alimentar (Araújo; Santana; Santana, 2022, p. 5). Em contraste, a escolha de sementes pelos pequenos produtores valoriza os saberes tradicionais, promove a sustentabilidade, permite o replantio e assegura a produção de alimentos de qualidade (Rodrigues; Lopes, 2016).

Por diversas vezes, no campo e nas feiras, os agricultores e agricultoras relataram que aprenderam a selecionar sementes e a cultivar com seus antepassados, ou seja, através de seus pais e avós, por isso as sementes de acordo com Rodrigues; Lopes (2016) configuram-se um componente da identidade cultural e patrimônio biológico para as comunidades rurais, guardando o segredo da vida e conservando histórias das famílias que as preservam, e não vistas apenas como mercadorias.

Não se observou o uso de agroquímicos nas plantações, estas são completamente orgânicas. Assim, o uso de agrotóxicos e pesticidas não é uma opção para esses agricultores. Quando há doenças nos vegetais, esses agricultores e agricultoras usam receitas naturais, passadas de geração em geração para tratar suas plantas, sendo a solução água, alho e vinagre a mais utilizada por eles (Figura 5).

Figura 5. Tipos de caldas orgânicas feitas pelos agricultores do Adro de São Gonçalo, Itiúba Bahia, para tratar as plantas cultivadas.



Fonte: Elaborado pelas autoras, 2025.

Esses defensivos naturais alinham-se com os princípios da agroecologia, promovendo o equilíbrio dos agroecossistemas e evitando efeitos adversos como o surgimento de resistência em pragas e contaminação ambiental. Caldas caseiras, como as mencionadas pelos agricultores, vêm sendo recomendadas como alternativas seguras e acessíveis, capazes de estimular respostas defensivas das plantas ao invés de provocar danos ao ecossistema. Weirich *et al.* (2024) demonstram que macerados de alho (com cerca de 4 dentes para 1 litro de água) são eficazes contra afídeos, moscas-brancas e outros insetos-praga, reduzindo a dependência de insumos químicos. Portanto, ao adotar essas soluções naturais, a comunidade não apenas reduz os riscos à saúde humana e ambiental, mas também reforça práticas

sustentáveis que estão em sintonia com a literatura científica sobre manejo integrado de pragas e Agroecologia. Isso evidencia o valor das práticas populares e empíricas.

Em relação às questões ambientais e de saúde, os agricultores da comunidade costumam afirmar na feira que não utilizam pesticidas ou agrotóxicos em suas lavouras. Durante a comercialização em feiras, muitos relatam aos consumidores sua preferência por cultivos isentos desses insumos, expressando o desejo de manter práticas que preservem tanto a saúde quanto a fertilidade do solo. Para eles, o uso de agrotóxicos representa risco de contaminação ambiental e de adoecimento, motivo pelo qual valorizam o manejo agroecológico.

Lopes; Albuquerque (2018) destacam que os agrotóxicos possuem alta taxa de dissipação em ambientes aquáticos e terrestres, afetando os organismos desses ecossistemas. O uso indiscriminado de pesticidas compromete o ciclo de vida de organismos, causando desequilíbrios ecológicos, ao eliminar espécies benéficas ou favorecer a proliferação de outras indesejadas. Diante desses impactos, torna-se fundamental incentivar as práticas naturais adotadas por agricultores familiares, promovendo ações formativas que contemplem desde o preparo do solo até a colheita e a comercialização. Ao fortalecer o manejo sustentável, contribui-se não apenas para a segurança alimentar e a geração de renda no campo, mas também para a oferta de alimentos saudáveis à população.

Assim, na comunidade estudada, não se utiliza adubos químicos, fertilizantes sintéticos ou pesticidas convencionais, o que reflete práticas alinhadas aos princípios da Agroecologia. Os agricultores recorrem a defensivos naturais e preparações caseiras com recursos locais, que apresentam baixa toxicidade, são eficazes no controle de pragas e possuem baixo custo. Segundo o Projeto Agricultura Familiar, Agroecologia e Mercado (AFAM) coordenado pela Fundação Konrad Adenauer, esses insumos, como biofertilizantes, caldas e extratos vegetais, fortalecem o metabolismo das plantas e reduzem a resistência dos fitopatógenos, promovendo uma produção sustentável e de baixo impacto ambiental (FUNDAÇÃO KONRAD ADENAUER, 2010).

Verificou-se que os agricultores da comunidade carecem de orientações técnicas sobre manejo ecológico, o que compromete o acesso a outras práticas sustentáveis. Projetos como o AFAM são essenciais para promover capacitação, fortalecer o conhecimento técnico e melhorar a autonomia e a sustentabilidade da produção local.

3.3 Economia e aproveitamento da produção

Outro fator importante refere-se à economia e como esses agricultores e agricultoras utilizam e comercializam seus produtos. Observou-se que todos os associados, sem exceção, vendem seus produtos na feira livre da cidade de Itiúba (Figura 6).

As feiras livres são espaços importantes na cultura popular nordestina, sendo este o local preferencial de comercialização dos produtos da agricultura familiar no Nordeste brasileiro (Fickert, 2004).

Costa; Silva-Santana (2019) também relatam a importância da feira livre para a agricultura familiar, pois trata-se de lugar de socialização, de trocas de experiências e saberes; é o lugar onde vendem seus produtos e compram outros.

As feiras possuem esse objetivo de associar os pequenos e médios produtores que desejam comercializar seus produtos. Além disso, as feiras preservam a autonomia dos trabalhadores, aumentando sua renda e diminuindo o êxodo rural (Carvalho; Grossi, 2019).

Figura 6. Produtos da agricultura familiar do Adro de São Gonçalo à venda na feira livre de Itiúba, Bahia.



Fonte: Elaborado pelas autoras, 2025.

Todavia, nem tudo que os agricultores do Adro de São Gonçalo levam à feira é vendido, dessa forma, o que sobra da feira é colocado para consumo próprio e produção de polpas, para ração animal, como, por exemplo para os suínos criados nas propriedades, para trocas e para adubagem das roças. Esse parece ser um processo comum entre as comunidades de agricultores familiares, um exemplo disso está descrito no trabalho de Costa; Silva-Santana (2019), que relatam a feira livre de Mirangaba, Bahia, como um espaço de comercialização da agricultura familiar. As autoras descrevem que os excedentes agrícolas da comunidade tradicional estudada também são reaproveitados de forma sustentável, e pontuam que isso contrasta com o que ocorre em grandes mercados e empresas de monocultura, onde é comum o descarte ou a venda a preços muito baixos. Assim, os feirantes de Mirangaba, da mesma forma que os do Adro de São Gonçalo, adotam práticas sustentáveis para seus excedentes, tais como o uso próprio, a alimentação animal, a doações e trocas, evidenciando estratégias de sobrevivência baseadas na sustentabilidade ambiental e alimentar, mais do que em fins exclusivamente capitalistas.

Diante do contexto analisado, observa-se que a agricultura desempenha um papel fundamental na dinâmica social e econômica das comunidades rurais. Para além da produção de alimentos, a agricultura familiar se destaca por sua relevância estratégica no combate à pobreza, na promoção da segurança alimentar e nutricional, na geração de emprego e renda, na conservação da biodiversidade e na preservação de saberes e práticas culturais. Nesse sentido, conforme Lima; Silva; Iwata (2019), a agricultura familiar deve ser compreendida não apenas como uma atividade produtiva, mas como um modo de vida que integra trabalho, cultura, identidade e sustentabilidade.

Apesar das limitações impostas pelo modelo econômico dominante, centrado na lógica capitalista de produção e consumo, a agricultura familiar resiste como estratégia de sobrevivência, ancorada em vínculos sociais e na integração seletiva ao mercado. Conforme argumentam Plein; Filippi (2011), ainda que os agricultores

familiares atuem prioritariamente com base em relações de trabalho intrafamiliares voltadas à subsistência, eles também participam do circuito mercantil, adquirindo bens no mercado e comercializando parte de sua produção. Dessa forma, ocupam um lugar ativo tanto na esfera social quanto na estrutura econômica local e regional.

4. Considerações Finais

A análise do perfil dos agricultores e agricultoras da comunidade Adro de São Gonçalo revelou que todas as famílias estão inseridas na prática agrícola, sendo essa a principal base econômica e simbólica do grupo. A agricultura familiar, nesse contexto, não se restringe à produção de alimentos, mas representa uma forma de organização social centrada na unidade doméstica, na transmissão intergeracional de saberes e na valorização da identidade camponesa.

Além disso, o auxílio de políticas públicas como o Bolsa Família complementa a renda das famílias, mostrando-se fundamental para a manutenção do bem-estar social em contextos rurais de vulnerabilidade.

Os dados educacionais revelaram baixos níveis de escolaridade entre os adultos, especialmente entre os homens mais velhos, ao passo que as mulheres mais jovens se destacaram com maiores níveis de escolarização. Essa diferença pode influenciar diretamente na gestão da produção agrícola local e no acesso a políticas públicas. Tal dado indica ainda uma mudança importante nas dinâmicas rurais e sinaliza uma tendência de transformação social no campo, como já observado em outras realidades rurais brasileiras.

Em relação às práticas agrícolas, constatou-se que os cultivos são conduzidos com técnicas essencialmente sustentáveis. A cobertura do solo com restos de capinação e podas contribui para a conservação da umidade, o enriquecimento da matéria orgânica e o controle natural de ervas daninhas, revelando um manejo ecológico tradicional e eficiente. Os cultivos predominantes, como milho, feijão, frutas e hortaliças, são realizados sem o uso de maquinário pesado ou insumos sintéticos, o que fortalece a resiliência ambiental e produtiva da comunidade.

A escolha e conservação de sementes é uma prática tradicional valorizada pelos agricultores. As sementes são oriundas de safras anteriores, cuidadosamente selecionadas por critérios empíricos como tamanho, aparência e sanidade. Essa prática reforça a autonomia da comunidade, promove a preservação da biodiversidade local e mantém viva a memória coletiva e os saberes transmitidos por gerações. A manutenção das sementes crioulas também é uma estratégia de resistência cultural frente ao avanço das sementes modificadas industrialmente.

Outro aspecto importante observado foi a total ausência do uso de agrotóxicos nas plantações. A proteção das lavouras é feita com receitas naturais, especialmente caldas caseiras à base de alho, água e vinagre, práticas aprendidas com os mais velhos e passadas de geração em geração. Tais defensivos naturais se alinham aos princípios da Agroecologia e têm sido reconhecidos pela literatura científica como alternativas eficazes e ambientalmente seguras. Essa escolha dos agricultores reforça o compromisso com a saúde humana e ambiental, ao mesmo tempo que valoriza o conhecimento tradicional como forma legítima de manejo ecológico.

No que diz respeito à comercialização, observou-se que todos os agricultores vendem seus produtos na feira livre da cidade de Itiúba, espaço que representa mais do que um local de vendas, mas um espaço de convivência, troca de experiências e construção de laços sociais. A feira é uma alternativa viável para o escoamento da produção e geração de renda, além de contribuir para a permanência das famílias no campo. Os excedentes da feira são reaproveitados para o consumo doméstico, trocas,

alimentação animal ou adubação das roças, reforçando a lógica da sustentabilidade e do bom uso dos recursos disponíveis. Nesse sentido, tais práticas apontam para uma economia circular baseada no aproveitamento integral da produção.

Diante de todos esses elementos, evidencia-se que a agricultura praticada no Adro de São Gonçalo é um exemplo de resistência, sustentabilidade e saber tradicional. Apesar das limitações estruturais, como o acesso restrito à educação técnica e à assistência rural, a comunidade constrói e mantém um modelo agrícola que prioriza a autonomia, a saúde ambiental e a continuidade cultural. Assim, a agricultura familiar se mostra não apenas como atividade produtiva, mas como um modo de vida que integra trabalho, identidade, cultura e natureza.

Os dados apresentados ressaltam a importância de valorizar e fortalecer a agricultura familiar como eixo estruturante das comunidades rurais, especialmente aquelas que mantêm práticas agroecológicas tradicionais. Investimentos em educação e capacitação técnica são fundamentais para ampliar as possibilidades de desenvolvimento sustentável, sobretudo entre os agricultores do sexo masculino, que apresentam maior defasagem educacional.

As práticas agrícolas observadas demonstram que o saber tradicional pode contribuir de forma significativa para a conservação ambiental e a produção de alimentos saudáveis. Políticas públicas voltadas ao fomento da Agroecologia, à comercialização da produção e à educação no campo devem ser priorizadas, a fim de garantir a permanência das populações rurais em seus territórios com qualidade de vida e autonomia.

Por fim, recomenda-se que futuras pesquisas aprofundem a relação entre saber tradicional, escolarização e práticas agrícolas, considerando também o papel das mulheres como agentes fundamentais na organização da vida rural e na promoção de transformações sociais nas comunidades agrícolas.

Referências

ABREU, C; OLIVEIRA, A. L. A; ROBOREDO, D. A agricultura familiar no estado de Mato Grosso: Um olhar a partir do Censo Agropecuário 2017. **Revista de Ciências Agroambientais**, Cuiabá-MT, v. 19. n. 2, p. 82-92, 2021.

ARAÚJO, D. T. de; SANTANA, M. M. O. de; SANTANA, C. de C. S. A Revolução Verde (RV) e a Narrativa da Erradicação da Fome. **Revista Paleotemas**, Senhor do Bonfim, v. 2, n. 1, p. 1-7, 2022.

BRASIL. Ministério da Educação. **Panorama da educação do campo**. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2007.

Disponível em:

<https://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/educacaodocampo/panorama.pdf> .

Acesso em: 11 jan. 2025.

CASAS, N. A.C. **Coberturas de solo para o cultivo de hortaliças agroecológicas em unidades familiares**. 2019. 45 f. Dissertação (Mestrado em Solos e Nutrição de Plantas) – Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2019.

CARVALHO, F. de F.; GROSSI, S. de F. A importância das feiras livres e seus impactos na agricultura familiar. **Revista Interface Tecnológica**, v. 16, n. 2, p. 226-234, 2019.

CARVALHO JÚNIOR, C. V. de; COUTO FILHO, V. de A.; MACHADO, G. B. **Agricultura familiar, média produção agrícola, mudanças climáticas e políticas públicas**. Salvador: Governo do Estado da Bahia – SEI, 2023. Disponível em: <https://pensarabahaia.estudoscolaborativos.sei.ba.gov.br/wp-content/uploads/2023/01/Agricultura-familiar.pdf>. Acesso em: 9 jun. 2025.

COIMBRA, C. Importância das sementes crioulas na agricultura familiar: estratégia de incentivo, resgate e conservação. In: Encontro do Núcleo de Pesquisas e Documentação Rural (NUPEDOR), 6., 2018, Araraquara. **Anais [...]**. Araraquara: UNIARA, 2018. Disponível em: https://www.uniara.com.br/legado/nupedor/nupedor_2018/6B/2_Caroline_Coimbra.pdf. Acesso em: 11 jan. 2025.

CONTAG – Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura. **Anuário da Agricultura Familiar 2023/Ano 2**. Brasília. Disponível em: <https://ww2.contag.org.br/documentos/pdf/17916-696048-anua%CC%81rio-agricultura-2023-web-revisado.pdf> Acesso em: 02 fev. 2025.

COSTA, R. D.; SILVA-SANTANA, C. de C. Family agriculture and sustainability in Mirangaba street fair, Bahia, Brazil, **International Journal of Development Research**, v. 09, n. 12, 32170-32175, 2019.

DESLANDES, S. F. (Org.) *et al.* **Pesquisa social: Teoria, método e Criatividade**. São Paulo: Vozes, 1994.

EMBRAPA – Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária. **Agricultura familiar – sobre o tema**. Disponível em: <https://www.embrapa.br/tema-agricultura-familiar/sobre-o-tema> Acesso em: 9 abr. 2025.

EMBRAPA – Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária. **Agricultura familiar, agroecologia e produção orgânica de alimentos**, 2025. Brasília. Disponível em: <https://www.embrapa.br/clima-temperado/agroecologia#:~:text=Mesmo%20que%20a%20Produ%C3%A7%C3%A3o%20Org%C3%A2nica,sociobiodiversidade%20e%20da%20preserva%C3%A7%C3%A3o%20ambiental> Acesso em: 09 fev. 2025.

FICKERT, U. Incremento do mercado orgânico no Brasil. *In: Agricultura familiar, agroecologia e mercado no Norte e Nordeste do Brasil*. KÜSTER; MARTÍ, J. F. (orgs.). Fortaleza, Fundação Konrad Adenauer, DED, 2004. p. 23-50.

FREITAS, M. N. L. B. **O papel da mulher na agricultura familiar**. 2024. 18f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Agronomia) – Centro Universitário do Vale do Araguaia, Barra do Graças, 2024.

FUNDAÇÃO KONRAD ADENAUER. **Cartilha Agroecologia – Manejo de pragas e doenças**. Agricultura Familiar, Agroecologia e Mercado. N° 6, 2010. Disponível em: <https://jbb.ibict.br/bitstream/1/600/1/2010%20Agroecologia.pdf> Acesso em: 10 mar. 2025.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Itiúba**. Biblioteca IBGE, Brasília. 2025. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/biblioteca-catalogo.html?id=35761&view=detalhes> Acesso em: 9 mar. 2025.

LEITE, S. C. **Escola Rural: urbanização e políticas educacionais**. (Coleção Questões da Nossa Época), 2 ed. São Paulo: Cortez, 2002.

LIMA, A. F.; SILVA, E. G. de A.; IWATA, B. de F. Agriculturas e agricultura familiar no Brasil: uma revisão de literatura. **Revista Retratos de Assentamentos**, v. 22, nº.1, p.50.

LÜDKE, M.; ANDRÈ, M. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. 2 ed. [Reimpr.]. Rio de Janeiro: E.P.U., 2018.

MENDONÇA, K. F. C. *et al.* Formação, sucessão e migração: trajetórias de duas gerações de agricultores do Alto Jequitinhonha, Minas Gerais. **Rev. Bras. Estud. Popul.**, São Paulo, v. 30, n. 2, p. 445-463, 2013.

MIZUKAMI, M. da G. N. **Ensino: as abordagens do processo**. São Paulo: E.P.U., 2014.

PLEIN, C.; FILIPPI, E. E. Capitalismo, agricultura familiar e mercados. **Revista Desenvolvimento Regional**, v. 16, n. 3, p. 98-121, 2011.

REIS, M. B. de F.; LIMA, D. da C. B. P.; DESIDERIO, M. Desenvolvimento, educação e sustentabilidade: questões emergentes e desafiadoras. **Rev. Eletrônica Mestr. Educ. Ambient.** Rio Grande, v. 35, n. 3, p. 4-22, set./dez.2018.

RODRIGUES, M. H. B. S.; LOPES, K. P. Importância da semente na agricultura familiar no nordeste brasileiro. *In*: **Congresso Internacional da Diversidade do Semiárido**, I, 2016, Campina Grande. **Anais I CONIDIS**. Campina Grande: Realize Editora, 2016. 1-7. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/23893> Acesso em: 05 fev. 2025.

RUA, M. G.; ABRAMOVAY, M. **Companheiras de Luta ou “Coordenadoras de Painéis?”** Brasília: Unesco, 2000.

SANTOS FILHO, J. C. Pesquisa quantitativa versus pesquisa qualitativa. *In*: **Pesquisa Educacional: Quantidade-Qualidade**. SANTOS FILHO, J. C.; GAMBOA, S. S. (orgs.). São Paulo: Cortez, 2000. p. 07-12.

SAVOLDI, A.; CUNHA, L. A. Uma abordagem sobre a agricultura familiar, PRONAF e a modernização da agricultura no sudoeste do Paraná na década de 1970. **Revista Geografar**, v. 5, n. 1, p. 25-45, 2010.

SILVA, J. G. da. Agricultura familiar e sustentabilidade. **Organização das Nações Unidas–ONU**. v. 31, 2019. Disponível em: https://repositorio.pgsscogna.com.br/bitstream/123456789/46983/1/Leandro_Moreira.pdf Acesso em: 22 mar. 2025.



TOFANINI, B. P., et al. **Importância do banco de sementes comunitário nas comunidades amazônicas**. Revista Terceira Margem Amazônia, v. 6, n. 15, p. 182-194, jul./dez. 2020. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.36882/2525-4812.2020v6i15p182-194>. Acesso em: 11 abr. 2025.

WEIRICH, R. S. *et al.* Alho: uma alternativa natural contra as pragas. *In*: Feira de Ciência, Tecnologia, Arte e Cultura do Instituto Federal Catarinense do Campus Concórdia, 7, 2024, Concórdia. **Anais**, 2024.